

Violência de gênero na capoeira

Esse artigo é produto de um projeto PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) na UFBA(Universidade Federal da Bahia), elaborado ao longo de 2017 com o título “experiências e representações de mulheres capoeiristas”, coordenado pela professora doutora Christine Zonzon¹. Esse projeto busca investigar as diferentes formas que existem das mulheres participarem da capoeira, buscando entender suas experiências corporais, fazendo uma interseção com a problemática do gênero através das vivências dessas mulheres.

Essa pesquisa foi desenvolvida com uma metodologia etnográfica, onde ao longo do processo foram feitas entrevistas com quatro diferentes mulheres capoeiristas, todas com mais de 15 anos de experiência, dentre elas uma é contra mestra, outras duas são mestras e uma delas apesar dos anos de prática de capoeira não possui nenhum título². As entrevistas foram transcritas e analisadas em grupo, onde refletimos sobre os diferentes aspectos que perpassam as experiências das mulheres na capoeira. Ao longo desse artigo pretendo trazer trecho dessas entrevistas com nomes fictícios, onde irei analisar suas falas correlacionando com aspecto que perpassam violências sofridas por essas capoeiristas.

Através desse projeto pude perceber que a capoeira é marcada por uma desigualdade de gênero e que ao longo de sua historia existiram poucas mulheres que se destacaram ou que se tornaram lendas, diferente do número de homens. Nesse artigo, pretendo mostrar como ao longo dessa pesquisa ficou visível que há uma violência de gênero na qual as mulheres são excluídas e marginalizadas dos espaços da capoeira tanto por questões históricas quanto pelo fato da capoeira ser também uma luta (dentre outros aspectos que a compõe, como dança, arte, rituais...).

A prática da capoeira sempre integrou elementos que marcam as identidades de gênero. Compreendendo essas identidades da seguinte maneira:

Segundo Scott (1995), gênero é o termo utilizado para designar as relações sociais baseadas nas diferenças existentes entre os sexos, indicando as construções culturais e sociais de ideias sobre os papéis atribuídos aos homens e às mulheres a partir de relações de poder. Pode-se pensar gênero como uma organização da diferença social. Portanto, este conceito propõe o rompimento com o argumento da existência de uma essência masculina e feminina natural e imutável, além de relacionar-se com outras categorias, tais como: classe social, raça, religião, idade e orientação sexual, cujas reflexões auxiliam a entender as relações sociais entre os sexos como culturais, ancoradas nos corpos e moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (DEVIDE et al., 2010). A

¹ Atualmente professora doutora do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFBA, pesquisadora de práticas corporais e violência de gênero na capoeira.

² Por razões éticas não serão revelados os nomes das minhas interlocutoras.

identidade de gênero se constrói a partir da adoção de papéis que levam à socialização do indivíduo, permeada pelos aspectos culturais. Contudo, o fato de existirem papéis, indica que há imposição de condutas e comportamentos considerados adequados para homens e mulheres, não se reconhecendo as diversas formas de assumir a masculinidade e a feminilidade na atual estrutura social. O desafio é compreender gênero a partir da construção da identidade de sujeitos, pois estes são dotados de identidades em transformação; não permanentes ou cristalizados. Os indivíduos se constroem como masculinos ou femininos, através das relações sociais, identificando-se com seus lugares, suas disposições, formas de ser e de estar no mundo. Estas construções são transitórias e articuladas com diferentes histórias pessoais, discursos, símbolos, representações, identidades e práticas sociais (SOUZA; DEVIDE, 2011, p2).

A partir dessa perspectiva podemos entender que existem características que socialmente fazem parte da construção da identidade masculina como virilidade, força, ações de violência e agressividade, as quais são valorizadas no universo da capoeira, assim como existem características atribuídas à construção da identidade feminina que são desvalorizadas nesse contexto como fragilidade, passividade, submissão, suavidade de gestos e discursos (SOUZA;DEVIDE, 2011). Esse tipo de percepção é historicamente estrutural e condicionou a forma como homens e mulheres puderam participar da capoeira.

Isso gerou a marginalização, violência e exclusão das mulheres. Historicamente, elas estiveram nesses espaços mais ligadas aos momentos que não se relacionam ao ato da luta (BARBOSA, 2005).

Carlos Eugenio Líbano Soares afirma que até o século XX, "as mulheres que têm papel fundamental na cultura escrava urbana estavam, de acordo com todos os indícios, banidas do universo da capoeira, pelo menos indiretamente" (a capoeira 121). Mas, o próprio autor encontrou uma notícia sobre a repressão aos capoeiristas que menciona duas mulheres: "Isabel e Ana passam a vida a brigar; e para isso desafiam quem lhes dirige qualquer palavra desagradável e, quando empenham qualquer luta, mostram ser peritas na capoeiragem" (A negregada 303). Trata-se, entretanto, ao que tudo indica, de casos isolados e de pouco vulto, principalmente quando comparados ao número de capoeiristas do sexo masculino que se destacaram na época (BARBOSA, 2005, p10).

Dentre esses casos isolados de mulheres que praticavam a capoeira, encontramos na bibliografia nomes como Maria homem, Julia fogareira, Maria cachoeira, Maria pernambucana, Maria pé no mato, Odília, Palmeirona, Maria do camboatá, Maria doze homens, Maria Felipa, Chicão, Salomé e Maria do anjos, Calça-Rala, Nêga Didi, e Maria Pára. Apesar de existirem esses nomes, esse número é pequeno se comparado com o número dos grandes capoeiristas que viveram no mesmo período que essas mulheres (BARBOSA, 2005; SOUZA, DEVIDE, 2011). Algumas delas tiveram que se disfarçar de homens para estar nos espaços. Para a mulher fazer capoeira, ela necessariamente tinha que quebrar as fronteiras de gênero e adentrar em um espaço que lhe era negado (MELLO, MORAES, 2014). Acreditava-se que a mulher naturalmente não pertencia aquele espaço, era um ambiente hegemonicamente masculino, onde qualidades que eram atribuídos apenas aos homens eram

hiper valorizados, como força e agressividade. Ser mulher e praticar capoeira era como se fosse incoerente com o que se espera de uma mulher, era como se elas não devessem estar ali, pois as mulheres não podiam ser agressivas já que isso era ‘coisas de homem’, por isso a sociedade via mal essas mulheres. (FERNANDES,SILVA apud MELLO,MORAES, 2014).

Barbosa (2005), conta que além de existirem essas poucas mulheres, também existiam em um número significativamente maior mulheres ocupando outros espaços na capoeira para além das lutas, como por exemplo, em meados do século XIX e no século XX, em Salvador eram comuns rodas de capoeira onde transitavam ‘bairras de acarajé’, enquanto no Rio de Janeiro eram comuns rodas onde tinham as ‘quitadeiras’. Essa autora, também descreve que nesse período, em alguns locais existiam as ‘mulheres de saia’, ou seja, mulheres que escondiam facas e navalhas e davam aos capoeiristas quando necessário, também avisavam quando a polícia estava se aproximando.

Além disso, as mulheres estavam presentes em algumas músicas e em certos momentos no coro e na organização de eventos. Em meados dos anos 30, quando em certos locais a capoeira começa a sair da rua e adentrar as academias passa a ser comum que algumas mulheres ocupem a função de secretária, auxiliando na organização e nos processos burocráticos que envolviam um grupo de capoeira. Nos diferentes documentos históricos que envolvem a capoeira ou na bibliografia sobre o assunto é perceptível a ausência das mulheres, em geral os documentos e a bibliografia estão sempre descrevendo homens.

Por isso, podemos constatar que sempre houve certa invisibilidade da mulher na capoeira, o que fica expressivo nos estudos de Moraes e Mello (2014) que ao perguntarem a 50 capoeiristas de nacionalidades diferentes, se elas conheciam alguma mulher lendária na capoeira, o resultado foi que 58% das entrevistadas disseram que não conheciam nenhuma e 78% acreditavam que não há história suficiente de mulheres capoeiristas. Souza e Deive (2011) entrevistaram 10 mulheres que praticam capoeira regional no Rio de Janeiro, as quais possuem títulos e mais de 20 anos de prática; nessas entrevistas registraram que a maioria das capoeiristas desconheciam a história das mulheres na capoeira, o que reflete a invisibilidade dessas. Isso demonstra a falta de visibilidade das mulheres nesse espaço em função da sua desvalorização.

Além disso, a capoeira é uma luta (apesar de ser uma luta diferente, por ser composta de outros elementos como religiosos ,ritualísticos e dançantes) e como tal, na nossa sociedade tem um cunho machista. No geral os meninos são incentivados a realizarem esse tipo de

atividade, pois simbolicamente elas se relacionam com demonstração de força e virilidade. Enquanto que as mulheres são ditas como ‘frágeis’ ou ‘fracas’ e quando se trata de atividades físicas elas são mais incentivadas a fazerem exercícios como ir à academia ou algo mais relacionado com dança (SOUZA, 2005).

Uma fala da contra mestra L. expressa uma consequência desse processo na construção das mulheres:

“a mulher quando ela vai jogar a primeira vez, ela tem uma coisa de olhar pro lado, de ficar: an, na[...]eu não sei o que eu faço é mais provável que uma mulher coloque uma mão na cabeça e fale: eu não sei o que fazer! Do que se um menino também que é iniciante começar, ele vai encarar aquilo ali porque talvez, o futebol, ou brincadeiras que ele teve na infância já deram pra ele essa disposição que a capoeira dá, né? [...] E eu acho que isso é bem difícil pras mulheres. Não sei se é esse papel matriarcal mesmo de cuidar, de... na verdade, receber quem foi lá e tá voltando estrupiado e você vai lá e acolhe... essa coisa do acolhimento não é uma coisa que a gente faz exposto, é uma coisa que a gente faz é... em segredo, mais internalizado assim, mais... não é internalizado é mais nas internas.”

Aqui ela chama atenção para algo muito importante: a educação entre meninos e meninas é muito diferente. Os meninos são construídos para o mundo dos esportes e talvez por isso eles tenham uma tendência a se sentirem mais a vontade e mais seguros nesses espaços enquanto que as meninas não são construídas para isso. Muito pelo contrário, é comum na educação das garotas elas serem desestimuladas a participarem de esportes e talvez por isso elas não se sintam tão a confiantes quanto os meninos.

Além disso, essa contra mestra também aponta como as meninas são incentivadas a atitudes que estão menos relacionados com exposição, ou seja, são mais construídas para o mundo privado enquanto que os meninos para o mundo público. As garotas são mais incentivadas a acolher, a ter cuidados ... atitudes que são mais efetivadas em espaços privados.

Por isso é comum às meninas serem desestimuladas a praticar capoeira ou não receberem nenhum incentivo dos seus familiares e/ou amigos. M. comenta que a mãe nunca a incentivou na capoeira e que seu marido desestimula ela a ir, pois ele acha que isso não irá levá-la a ‘ponto nenhum’. Embora ela reconheça o quanto à capoeira contribui com sua saúde física e emocional, parece que isso não é levado em consideração pela sua mãe ou pelo seu marido, porque não há um retorno financeiro. Na entrevista com a contra mestra L. encontramos uma fala que ilustra bem essa questão:

E... aí no fundo, no fundo, eu acho que há uma verdade grande [...]que é a falta da força da gente, né? Então, quando você vai pra uma roda de capoeira e você vai jogar, é... com um cara, se ele não guardar a força, se ele não guardar aquele elemento, não deixar na proporção que a sua, não dá! Não dá, não tem jeito mesmo, a gente é a primeira a tombar. A gente e as crianças. Então, de certa forma, isso também muito... sempre me incomodou, assim. Me incomoda até hoje saber que existe

um elemento que me deixa “café-com-leite”. Eu não gostaria que esse elemento existisse, sabe? Eu acho que o meu desejo assim, interno, talvez infantil de capoeira, assim, é tá de igual pra igual ali. É... que eu possa realmente, que eu esteja numa situação de igualdade ali mesmo, que eu acho que é o que a gente vive pregando que a capoeira proporciona. Não é igualdade, igualdade, mas, é igualdade de oportunidades.

Ela inicia a fala apontando essa crença, de que os homens são mais fortes que as mulheres, ao mesmo tempo em que ela crítica o fato de que em função dessa ideologia eles tratam as mulheres na roda como “café-com-leite”. Esse tipo de pensamento é problemático, pois inferioriza o corpo feminino como se uma mulher não pudesse ter a mesma capacidade física do que o homem.

Essas ideologias sobre os corpos masculinos e femininos não surgem com os cientistas, mas o tipo de ciência hegemônica desenvolvida por muitos médicos e fisiologistas ajudaram a legitimar e aplicar esse tipo de discriminação, pois tentaram mostrar cientificamente que o corpo da mulher é inadequado para certos tipos de atividades. Assim, aquelas que ousavam executar determinadas práticas eram consideradas estigmatizadas como masculinas e vítimas de preconceito e discriminação.

Isso fica explícito na Lei 3.199/1941 a qual proibia a prática de lutas por mulheres, pois sua natureza física era incompatível com tais práticas. Essa lei era justificada porque as mulheres eram ‘mais frágeis’ e precisavam se ‘proteger para a maternidade’.

Atualmente apesar dos avanços científicos, ainda existe esse estigma. Isso é visível em casos como o da sul-africana Caster Semenya, que após vencer facilmente a prova de 800 no campeonato mundial de atletismo foi submetida a testes genéticos, pois foi acusada de ter uma genitália feminina com testículos internos. Esse fato ocorreu em agosto de 2009. Até chegarem as conclusões finais do teste, ela ficou sem poder participar do esporte; apenas em julho de 2010 perceberam que estavam equivocados e ela voltou a participar das competições. Outro caso foi o de Maria Patiño, uma corredora espanhola que esqueceu seu atestado médico e foi submetida a testes, sendo acusada de ter cromossomo Y e portanto de ter testículos internos. Apenas 2 anos e meio depois, após ter passado por uma série de testes, foi autorizada a voltar a competir. Ela ficou conhecida por ser a primeira mulher a contestar esses testes (FIRMINO, 2011).

Nesse caso constata-se a crença de que existem dois corpos diferentes e cada um deles apresenta tendências naturais para uma dada atividade. Assim, os homens teriam corpos dotados de uma predisposição inata a serem melhores em atividades físicas do que as

mulheres, essas diferenças são embasadas cientificamente nos testes genéticos. Os quais muitas atletas foram prejudicadas por não se enquadrarem nos padrões da biomedicina(FIRMINO, 2011).

É importante levar em consideração alguns elementos que perpassam as práticas de machismo nos esportes, existem discursos científicos que dão base para a construção de discursos do senso comum e que influenciam diretamente as práticas esportivas no geral. Outro ponto é que esses discursos evidenciam a noção de que as mulheres não podem disputar de igual para igual com os homens, ou seja, as mulheres são ‘naturalmente inferiores fisicamente’ e isso se dá em função da característica dos corpos biológicos. Por isso, homens e mulheres possuem corpos, que implicam no fato de que ‘naturalmente’ o homem está mais apto a ser mais forte e ter uma melhor disposição e capacidade física enquanto que a mulher é mais ‘frágil’. Julga-se cientificamente que ambos os sexos tem diferenças naturais e a partir desse embasamento constroem-se práticas de exclusão, marginalização e deslegitimação das mulheres nos esportes. Não se problematiza o quanto esse discurso é uma construção social, cultural e histórica e ele é promovido como se fosse uma verdade absoluta (FIRMINO, 2011).

A violência de gênero que perpassa a capoeira atualmente é uma consequência dessa reflexão científica, por ela ser uma luta e por historicamente ser um espaço masculino. É comum na capoeira o machismo sendo legitimado por essas noções, onde um capoeirista acredita que aquele não é um espaço para as mulheres. Essa discriminação é reforçada pelo fato que a maioria dos mestres e dos grandes nomes da capoeira são e foram homens, havendo aí pouca representatividade feminina.

Tais opressões são nítidas nas vivências das mulheres que foram entrevistadas nessa pesquisa, as quais tem em comum uma trajetória marcada pelo machismo e dificuldades de ter espaço devido às opressões que sofreram e ainda sofrem.

A mestra R., por exemplo, narra que na época dela haviam poucas mulheres na capoeira e entre elas, muitas tinham medo de jogar, ressaltando que até hoje na capoeira existem mulheres com medo de jogar. Segundo ela, isso acontece provavelmente porque muitos homens quando vão jogar querem bater nas mulheres:

“Mas se chegar um cara que queira me pegar, eu faço o que? Aperto a mão e saio. Por mim, pode ser mestre, pode ser quem for. Então, se ele quer me dar um golpe, quer me bater, quer me chutar, oh, meu filho, eu aperto a mão e chamo: ‘vá aprender a jogar capoeira’ e quem quiser que apele: “ela tá com medo, tá com medo”. Não é medo, é respeito. Eu não tô ali na roda pra apanhar de homem, eu tô ali pra jogar capoeira. Homem não tem que me ver só como

capoeirista, tem que me ver como mulher. Então, tem mulher com medo de entrar na roda, com medo deles fazer isso. Porque eu sei que faz”.

Contra mestra L. também traz esse tipo de informação ao narrar um diálogo dela com outra mulher capoeirista, onde esta diz :

“você assiste o jogo de uma forma que parece que você entende tão bem a capoeira e eu queria saber por que é que você não joga, já que você assiste tanto”. E ela falou assim: ó, minha amiga sabe o que é que é? É que na hora da luta de verdade, nós somos as primeiras a tombar.”

Mestra R. também conta que viu uma capoeirista tomar um chute e “cair longe” e que, depois desse fato, nenhuma mulher quis jogar nessa roda. Aqui vemos claramente como a violência atua contra as mulheres na capoeira de maneira explícita, fazendo com que a única alternativa possível que elas encontram é não se manter no espaço ou não ocupá-lo enquanto protagonista. Esse tipo de prática pode parecer que é incomum e que só acontece a exclusão das mulheres em certas rodas onde já há um clima de hostilidade, porém outra fala da mestra R. revela que mesmo quando não há ameaças explícitas as mulheres se sentem receosas de irem jogar.

“Todas rodas que eu vou, a maioria, só eu entro. Agora, mesmo, a do rio vermelho, mulher nenhuma joga, fica um monte de mulheres lá olhando a roda, mas nenhuma joga. Eu fui duas vezes, com minha comadre, lá. Então, na primeira vez, tava aquela roda lá,[...] eu fui lá e joguei. E as mulheres que estavam lá, nenhuma jogaram, eu fui a única que tava lá e joguei. Com medo, ou não, mas joguei. Porque se eu visse que eles iam fazer alguma coisa, eu ia apertar a mão e ia sair. Porque eu não tava ali pra apanhar, não tô ali pra tomar chute. Eu tô ali pra ter um respeito como capoeirista e como mulher. Mas eles me respeitaram, e foi de boa.”

Assim é explícito que a violência física e agressividade contra as mulheres é comum no universo da capoeira. Talvez por isso muitas mulheres fiquem com medo de entrar na roda , por acreditarem que mesmo em um clima mais ameno é possível aparecer um capoeirista que queira bater. É válido ressaltar que nem todas as mulheres tem medo de jogar, isso é muito relativo, depende de como a mulher internaliza as opressões e a sua trajetória de vida. Porém, como narrado nas entrevistas esse tipo de fenômeno existe e uma hipótese para sua causa é o fato de alguns homens quererem bater na mulheres, mesmo em situações onde aparentemente não há motivos para isso acontecer. Isso fica explícito na narrativa da mestra R., sobre o caso de um aluno que batia nas mulheres mesmo na academia de João Pequeno, onde as rodas costumavam não ter um clima de tensão e em geral os jogo não eram agressivos, pois o próprio João Pequeno estimulava seus alunos a não agredirem fisicamente outros capoeiristas durante uma roda.

Na academia João pequeno, tinha o cara,[...] que quando as meninas chegava ai, as meninas estrangeiras, qualquer uma, comigo, não, né? Que eu já vi ele já, já menino. Foi aluno de João Pequeno, já pivetinho. Então, quando ele via as meninas jogando capoeira, o que ele fazia? Pisava na cara, chutava, dava rasteira, cabeçada, pontapé e

não é isso que faz. Não é só ele, não, muitos fazem isso. É porque são machistas. Eu acho que são machistas. Ele não tá vendo a mulher, como mulher. Ele tá vendo que a mulher tá ali jogando capoeira, e quer dar pau. Mas eles tem que ver que a mulher não é só capoeirista, ela é... tem duas coisas: ela é mulher, em primeiro lugar; e ela é capoeirista. Então, ele n tem q ver ela como capoeirista. Tem que ver como mulher. E em mulher não se bate. Principalmente jogando capoeira. Que é mais preconceito ainda. Porque quando ele bate na mulher, na roda, é porque ele acha que ela tem que apanhar. Mas não é certo, não é isso. Se fosse capoeira só pra homem, era só pra homem e mulher nem existia na capoeira. Mas o esporte, a capoeira, é pra homem e mulher. Só n joga quem não quer. Tem uma música que diz que capoeira é pra homem, menino e mulher, só não joga quem não quer.

É muito importante reparar alguns elementos dessa fala, como o fato de que é normal para alguns homens se sentirem em vantagem em um jogo com uma mulher. Eles se valem disso para serem agressivos e efetivarem violências machistas.

A contra mestra L. também identifica formas de violência nas rodas de capoeira que não são necessariamente físicas:

“que a gente mulher sofre na capoeira sim! Do assédio à chacota! Saca? Eu acho que tudo isso a gente passa por isso mesmo. Só que isso alimenta. É um retroalimentação assim, que você fala: ah, seu fila da puta, sabe? Peraí. Essa coisa do jogo mesmo era uma coisa, como eu vinha dessa capoeira, essa capoeira muito rápida, muito veloz, assim, tinha uma coisa muito comum que eram os homens terminarem o jogo carregando as meninas no colo, né? Isso é uma coisa, isso foi o número um pra mim. Isso aí foi assim: não vai me carregar no colo! Então, o jogo, foda-se o que aconteceu no jogo, pode acontecer tudo, mas, o meu objetivo no jogo ali era ficar no chão, era terminar o jogo no chão.”

Aqui a violência na roda aparece sob a perspectiva de uma violência simbólica (BOURDIEU, 2012). Bourdieu (2012), usa esse conceito para demonstrar que existe violência mesmo não tendo um caráter físico. Determinadas atitudes podem ser muito agressivas causando danos morais e psicológicos. É uma forma de coação e imposição social constituída a partir das crenças que os indivíduos internalizam nos processos de socialização. Tais crenças induzem as pessoas a se posicionarem de acordo com elas, seguindo seus critérios e legitimando padrões. Na medida em que muitos indivíduos se comportam de acordo com essas crenças eles podem estar efetivando uma dominação, podendo marginalizar e inferiorizar outros indivíduos dentro do mesmo contexto.

No caso da capoeira, por exemplo, os homens foram construídos com ideologias machistas e ao agirem de acordo com tais ideias, promovem o processo de exclusão e marginalização das mulheres nas rodas de capoeira, de modo que, isso não ocorre somente por meio da força física, mas também por certas atitudes que inferiorizam e humilham a oponente como carregá-la no colo.

O discurso da contra mestra L., chama atenção para o fato de que as mulheres na capoeira sofrem ‘do assédio à chacota’, ou seja, a violência de gênero perpassa os mais diversos e variados âmbitos da capoeira. Do treino à roda, acontecem situações que colocam as mulheres em desconforto. Como por exemplo, nos treinos existem mestres e colegas que assediam alunas e pessoas que fazem piadas com as mulheres. Assim fica visível que na capoeira as garotas estão expostas a muitas situações machistas

Segundo Simões(2002), as mulheres sofrem opressões através de alguns atos masculinos que seriam a compra de jogo³ com intuito de fazer as mulheres saírem da roda, excesso de cantadas e espanto das pessoas frente à notícia de que mulheres ensinavam em aulas de capoeira. Tudo isso exemplifica tipos de violência simbólica contra a mulher, gerando sua exclusão dos espaços.

A contra mestra L. narra uma situação que evidência algumas consequências dessa violência simbólica, narrando que as mulheres não jogam ao longo da roda, mas apenas no final, onde os capoeiristas começam a cantar uma música cujas letras dizem “adeus, adeus, boa viagem. Eu vou embora, boa viagem, Eu vou com Deus, boa viagem e nossa senhora, boa viagem”. Esse momento é diferente do padrão dos jogos no decorrer da roda, quando dois capoeiristas vão ao pé do berimbau agachados e iniciam o jogo. Diferentemente, na hora do “adeus adeus”, qualquer capoeirista que quiser jogar pode entrar tirando um dos dois adversários para substituí-lo no jogo. No geral, são jogos mais curtos e que ocorrem ao longo dessa canção. Apenas nesse momento final as mulheres se sentem a vontade para jogar, já que esses jogos costumam ser mais curtos, diminuindo a possibilidade de violência (seja ela física ou simbólica). Ao questionar sobre o motivo dessa situação a contra mestra L. responde :

“Então, é uma coisa que... eu acho que é uma coisa que... são duas coisas. Uma é a pressão que fazem, é... quando você tá na roda de capoeira e você tem que passar por tudo aquilo que você passa quando você tá sentada ali e neguinho entra na sua frente. Você tá no pé do berimbau, o cara olha na sua cara e dá pra ver na cara dele que: “puta que pariu! Vou jogar com uma menina!” né? Os caras pensam assim, espera... ele tá esperando ali naquela fila, aí quando ele dá com você e dá pra olhar na cara dele, tipo assim: “Pô, eu esperei esse tempo todo pra isso?” né? Então, todas essas coisas, essas leituras a gente capta, cara! que a gente né boba. Então, a gente capta isso! Então, muitas mulheres desanimam disso é o que cê falou, dá uma raiva, dá uma tristeza, cê vai trabalhar com um sentimento negativo? É melhor deixar isso pra lá! Não jogar, né? Jogo quando der. Muitas mulheres agem assim. Essa raivinha que eu sinto disso tudo, ela... ela ia um pouquinho mais além disso, assim. Ia mesmo nessa coisa... nisso que eu tou te falando, nesse retroalimento.[...] Uma reação que é a principal, que é achar que ela foi tão oprimida que não consegue mais se colocar. Que ela acha isso por causa de um exercício de

³ A compra de jogo é uma expressão usada para designar o fato de que quando está acontecendo um jogo, algum capoeirista entra na roda com uma performance que legitima ele jogar naquele momento, tirando um do capoeiristas da roda para que ele possa entrar.

opressão da sociedade mesmo, digamos assim. Mas, na verdade, aí eu fui entendendo quê que eu achava disso.”

Ela mostra como as mulheres são inferiorizadas antes mesmo de terem a oportunidade de mostrar o jogo, os homens já partem do pressuposto que é desagradável jogar com uma mulher, porque elas necessariamente não são tão boas quanto eles. Isso é tão forte que elas passam a se excluírem do espaço. Vemos aqui, como a violência simbólica atua, muitas das mulheres ao passarem por certas situações, preferem não jogar e se excluir, o que acontece tanto de maneira consciente quanto de forma inconsciente (PICHON-RIVIÈRE, 1998).

Ainda há outras formas de violência simbólica que as mulheres sofrem fora da roda de capoeira, como relata a mestra P. :

“Porque a mulher entra na capoeira aí por causa de ciúme, a mulher fraca sai da capoeira. Como teve lá na nossa escola mesmo, tem uma menina anos treinando com a gente, o namorado veio e tirou. Ficou dez anos fora da capoeira, aí depois voltou agora, tem um ano, dois anos que ela voltou. Eu achei legal e tudo mais, mas porque terminou. Ela não precisava ficar tanto, dez anos por causa do Marido.”

Aqui podemos perceber o quanto os homens, mesmo aqueles que não são capoeiristas, exercem influência na participação das mulheres na capoeira, contribuindo para que elas se excluam desses espaços.

Outro tipo de violência simbólica fica expresso na entrevista com a mestra R. quando ela narra uma história, onde ela sabia que um determinado mestre não deixava duas mulheres jogarem ,sabendo disso ela foi jogar com outra mulher :

“ele chegou e falou: eu não quero mulher, levantou e falou, eu não quero mulher jogando com mulher, porque mulher gosta muito de bater, se achar... ele falou isso pra mim. Porque ele achava que eu ia pegar as meninas no evento dele, pra bater. Acho que foi uma indireta que ele deu pra mim. Mas eu já sabia que na academia dele mulher não jogava com mulher. Mas, eu baixei lá e fui jogar, aí então ele falou isso e eu cheguei e falei: mestre, que preconceito eh esse, de mulher contra mulher? Eu sou mulher e jogo com homem, jogo com mulher e jogo com qualquer um[...]Isso é o preconceito, ahh.. porque mulher gosta de isso e de aquilo... minha irmã, ele nunca admitiu que jogasse com mulher”

Essa fala retrata uma violência de gênero explícita. A mulher é declaradamente excluída em um espaço por um mestre, ou seja, a pessoa que deve ensinar a filosofia do seu grupo e mostrar como se pratica a capoeira está fazendo isso de maneira machista e misógina desvalorizando as capoeiristas.

Na roda o momento de jogar não é o único espaço onde se observa violência como é expresso na fala de Ritinha :

“Tem mulheres que as vezes não quer nem pegar no gunga, porque tem medo de chegar lá e ouvir “NÃO”. Mesmo mulher, capoeirista. Que saiba. Ela chega lá e diz: posso tocar? E dizem

NÃO. Rejeitam, diz que não... e não é só mestre, não. Alunos também. Muitos alunos quando estão no berimbau e a mulher vai tocar, diz: não! Pegue o agogô, pegue o reco reco, não o berimbau, e nunca dá oportunidade de elas tocar, de elas cantar”

Na capoeira existem três tipos de berimbau e são considerados os instrumentos mais importantes da roda. Eles são chamados de gunga, médio e viola. Dentre esses, o gunga é mais importante, pois são os toques desse berimbau que ditam quando começa e quando termina um jogo. A pessoa que toca o gunga no momento da roda tem um grande prestígio, ou seja, detém um capital simbólico (BOURDIEU, 2012)

Devido à relevância que tem na capoeira, alguns mestres não ensinam o manejo do berimbau para suas alunas e, como visto na fala de mestra R., muitas mulheres não têm oportunidade de tocá-lo na hora da roda. Isso tudo marca o poder dos homens diante das mulheres, expressa a exclusão delas e sua marginalização no espaço.

M. relata que uma vez alguém lhe disse “é... vai ter que esperar muito tempo pra ficar no berimbau. Agora é reco-reco! Vai ficar no reco-reco!” Ela conta o quanto isso foi impactante. Essa fala evidencia a dificuldade das mulheres para chegarem a uma posição de maior prestígio, apesar de hoje em dia oferecerem o berimbau para elas tocarem em alguns grupos e rodas.

Outra violência simbólica observada na capoeira diz respeito à forma como homens e mulheres são evocados nas cantigas. Barbosa (2005) analisa em seu estudo 397 cantigas de capoeira e percebe que, apenas 25% delas fazem referência a mulher. Dentro desse percentual 12% referem-se à mulher como mãe ou avó, como alguém que lhes dá apoio e segurança e 5% fazem referência a virgem maria.

“Ao se comparar a maneira como a mulher é descrita nas cantigas de capoeira com o que se diz do homem, nota-se que ele é apresentado de maneira muito mais positiva. É o conhecedor dos segredos do jogo, astucioso, perigoso, vaidoso e sedutor. Nota-se também que ele enfrenta qualquer batalha, luta bravamente contra inimigos na guerra (há várias referências à Guerra do Paraguai), além de ser astuto e inteligente pois consegue ludibriar a polícia e se esquivar dos valentões. Mesmo quando as cantigas fazem referências à malandragem ou à vadiagem, o universo masculino não é descrito de maneira pejorativa”(BARBOSA,2005).

Assim enquanto os homens são valorizados nas cantigas, as mulheres são desvalorizadas de tal forma que certos estereótipos machistas são reforçados, como é visto nas seguintes canções:

“Minha mão tá me chamando
Oh” Que vida de mulher
quem toca pandeiro é homem
quem bate palma é mulher”

“Minha mãe sempre dizia que mulher matava homem

agora acabei de crer
quando não mata consome”

“Casa de palha é palhoça
se eu fosse fogo queimava
toda mulher ciumenta
se eu fosse a morte matava”

“São quatro coisas no mundo
que ao homem consome:
uma casa pingando
um cavalo ‘chotão’
uma mulher ciumenta
um menino chorão
a casa ele retelha
o cavalo ‘negoceia’
o menino acalenta,
a mulher ciumenta cai na péia”

Em muitas músicas além dessas, a mulher é tratada como ciumenta, possessiva ou alguém que não deve estar na roda ou que merece sofrer algum tipo de violência física. Isso é bem problemático, pois a representação das mulheres nas cantigas de capoeira está relacionada com a sua inferiorização. As letras costumam desvaloriza-las e estereotipar os papéis femininos de forma pejorativa, violenta e opressora.

Outro tipo de dificuldade e opressão que as mulheres encontram na capoeira diz respeito ao reconhecimento dado através de títulos de mestre, contra mestre, professor, treinel. A contra mestra L. conta que muitas mulheres quando recebem algum título, acabam sendo julgadas como se elas não merecessem. Paira sempre uma suspeita de que foram favorecidas pela relação de parentesco ou intimidade com algum mestre enquanto outras mulheres não teriam como ser ‘ajudadas’ pois não têm uma relação de maior proximidade com essas figuras de autoridade. Contra metra L. é casada com um mestre e conta que apesar disso ela teve que conquistar seu próprio espaço sozinha e que isso não a favoreceu em nada.

Esse é um discurso comum na capoeira que nos leva a perceber que mesmo quando uma mulher tem certo espaço, mesmo quando ela conquista seu lugar, obtém título, é reconhecida... ainda sim ela é desvalorizada e deslegitimada como se ela não pudesse conquistar algo sozinha como fazem os homens. , só porque é muito próxima de algum mestre importante.

Além disso, em geral os homens alcançam graduações mais rapidamente e com mais facilidade do que as mulheres. Não é a toa que o número de mulheres graduadas é irrisório se comparado ao número de homens. É muito comum ver homens que estão na capoeira a menos

tempo que mulheres e eles terem alguma graduação. M. está na capoeira há muitos anos e ainda não tem nenhum título enquanto que alguns colegas homens já possuem.

Mello e Moraes(2014), em seus questionário a mulheres capoeiristas quando elas questionam se conhecem mestras os resultados são : 28% das entrevistadas nunca ouviu falar de nenhuma mestra ou contra-mestra e 74% dizem não haver mestra ou contra-mestra no seu grupo enquanto que 26% dizem não saber.

Esses dados confirmam o argumento de Souza e Devide(2011) que ao estudarem a trajetória de algumas mulheres com título que praticam capoeira regional no Rio de Janeiro percebem que é mais demorado para as mulheres se graduarem do que os homens, efetivando uma hegemonia masculina e muitas vezes o protagonismo dessas mulheres são ridicularizados com discursos sexistas. Além disso, as autoras ressaltam um discurso auto valorativo das mestras que elas estudaram, pois elas eram pioneiras em dar aulas de capoeira, por isso pode-se dizer que seus nomes e apelidos serão registrados na historia da capoeira. Elas também mostram que quando chegam à condição de mestras elas não tem o mesmo reconhecimento que os homens, sendo às vezes desvalorizadas pelos próprios alunos. Apesar desse estudo ter sido feito em um contexto específico e distante do contexto dessa pesquisa, encontramos falas semelhantes, o que revela que esses dados não são discursos isolados, mas sim práticas que existem em diferentes lugares, momentos e estilos de capoeira.

Além disso, para a mulher ter uma graduação ela deve manter certa frequência nos treinos de modo que além dos empecilhos machistas, elas ainda tem que cuidar de filhos e ter uma dupla jornada de trabalho o que dificulta se manterem nos treinos, fazer viagens e ir para eventos(SOUZA;DEVIDE, 2011).

Outra dificuldade das mulheres obterem títulos está relacionado ao fato de que muitas saem devido às opressões que sofrem. Zonzon (2007), relata que ouviu depoimento de uma capoeirista ter visto todas as mulheres mais velhas saírem do grupo, ela também observa que muitas desistem por cansaço, indignação e revolta. Isso evidência como as relações de poder contribuem para que as mulheres estejam sempre no status de aluna nova, sem nunca ter a oportunidade de receber algum título.

Esses dados evidenciam que as mulheres são constantemente desvalorizadas e sofrem machismo na capoeira, o que fica explícito nos estudos de Fernandes e Silva (2008), onde foram aplicados 50 questionários a capoeiristas de diferentes grupos na cidade de Campina-

SP. Nesse estudo, 96% das mulheres disseram sofrer algum tipo de discriminação seja através de músicas, momentos na roda, comentários maldosos, recusa de homens jogarem com mulher ou atitudes de desprezo. Outro dado relevante da sua pesquisa é que 98% das capoeiristas consultadas, dizem que nas rodas organizadas pelo grupo, do qual fazem parte, existe aceitação e respeito às mulheres, porém nas rodas de outros grupos isso não acontece. A autora afirma que esse dado revela a rivalidade existente entre os grupos, cujos efeitos acabam recaindo sobre as mulheres (FERNANDES; SILVA, 2008).

Outra possibilidade de interpretação poderia ser que talvez elas não percebam que isso acontece no grupo delas. Afinal, se 96% já sofreu algum tipo de machismo, como 98% são respeitadas e aceitas no seu grupo? É comum as capoeiristas reconhecerem que existe machismo na capoeira assim como também é comum elas dizerem que seu grupo não é machista. Nas nossas entrevistas isso ficou bem expresso nas falas das capoeiristas, onde elas não identificaram que há machismo no seu grupo, mas citaram várias situações machistas que já passaram ou que já viram acontecer.

Diante dos dados apresentados é visível o quanto as mulheres são desvalorizadas na capoeira e o quanto sofrem com o machismo, mas se isso é tão explícito assim, porque tantas mulheres continuam vivendo essas situações e continuam acreditando que não há machismo no seu grupo?

Uma hipótese para isso poderia ser que na capoeira se cria um laço de afetividade com seu grupo e um importante vínculo com as pessoas pertencentes a ele. Picho-Riviére(1998) ao analisar as situações grupais, ele identifica que as vezes um integrante do grupo está em uma situação desconfortável ,porém tomar contato com os sentimentos que podem emergir dessa situação pode gerar alguma dor e inconscientemente a pessoa acaba negando ou não percebendo uma dada situação desconfortável. Assim membros do grupo acabam aceitando passar por determinadas situações porque aceita-las traz certo tipo de benefício secundário, ou seja, a pessoa pode passar por situações desagradáveis ao mesmo tempo em que isso permite que ela continue no grupo sem precisar ir contra ele ou causar algum conflito. Ele também explica que muitas vezes é preferível estar nessa situação, pois sair dela implica em se opor a elementos do grupo e é comum ter uma resistência fazer isso, pois há fantasias e medos envolvendo rejeição. Esses processos envolvem um estado de adaptação passiva a realidade, ou seja, uma falta de integração com certos conteúdos o que nos permite e impulsiona a ficar em situações de desconforto.

Assim na capoeira quando as mulheres passam por alguma situação machistas no seu próprio grupo, devido à afetividade e identificação que elas têm com este, é possível que inconscientemente elas não percebam o machismo do seu grupo. Já nos outros grupos pela falta de laços afetivos torna-se mais fácil identificar as opressões.

Souza e Devidé (2011) relatam que as capoeiristas ao narrarem as diferenças entre homens e mulheres na capoeira tendem a preservar seus respectivos mestres e possíveis preconceitos que eles têm, pois, falar sobre isso é um tabu. É como se seus mestres “nunca” errassem e fossem tido como heróis, apesar delas reconhecerem que existem diferenças na graduação de homens e mulheres.

Outro ponto importante a ser destacado com relação à violência que elas sofrem é como a luta e a resistência são partes integrantes da constituição das mulheres capoeiristas construindo sua identidade através de uma oposição ao machismo. As agressões não são sempre aceitas de forma passiva. Existe um processo de resistência, um processo de oposição que tenta deslegitimar o machismo e mostrar que as mulheres são tão capazes quanto os homens, isso ficou ilustrado nas falas da contra mestra L. abaixo :

“um outro tipo de preconceito também, de quando você começa a jogar mesmo, o cara já te dá uma, logo pra você entender que o seu lugar... que aquilo é perigoso, né?! E aí, disso eu lembro de duas coisas, uma coisa que eu acho até que você já ouviu, mas, enfim, vou falar da segunda coisa primeiro que aí foi quando me bateu essa coisa de tipo assim: o tanto que eu abaixar, o cara vai abaixar também, né? Então, me deu um rabo de arraia, toma outro! E aí me dava um prazer muito grande ver um cara suado ao jogar comigo. Botar o cara pra suar também. Então, por isso que eu tou te falando! É um preconceito, mas que... quando te... quando você é forte o suficiente pra sacar isso, que seja inconscientemente, mas, quando você saca isso, isso volta de uma forma muito forte assim. E... aí você passa talvez a ocupar esse lugar de exemplo, né? É... tocar berimbau é a mesma coisa... a mesma luta! Sim, de ‘eu vou pegar o berimbau ali e vou ficar não sei quanto tempo’[...] Então, eu acho que isso é uma coisa que... que vira uma faca de dois gumes se você pega isso e sente a necessidade de... enfim, ir contra esses tabus, entrar... entrar no confronto mesmo, né? Em confronto estratégico, mas, confronto do preconceito, é... se você... se aquilo não te destrói, aquilo é até lúdico, digamos assim, sabe? É isso me pegou muito. Agora, tem.. um momento, assim, da minha vida de capoeirista que me impressionou muito e é a partir daí eu ganhei muito esse posicionamento de: não! Tem que tá na roda mesmo!”

Essa fala mostra uma forma de se colocar contra a violência na capoeira de se opor a ela de ser resistente. Devido ao machismo que as capoeiristas sofrem ser mulher na capoeira é um ato de resistência e de se opor a uma dominação hegemonicamente masculina. Mostrando que é possível jogar tão bem, ou melhor quanto eles. Sobre esse ponto, mestra R. diz que

“Tem uma música que diz que capoeira é pra homem, menino e mulher, só não joga quem não quer .Então, se ela tá ali, é porque ela quer jogar. A mulher não quer só ficar nessa, dentro de

casa. Tendo que lavar roupa, comida... eles acha que tem que ficar lá, n tem q fazer o esporte, n tem que fazer nada, acham q elas tem q ficar naquela ali. Mas comigo não existe isso.”

Ela diz que capoeira é para homem, menino e mulher lembrando uma música cantada pelo mestre Pastinha, o qual é mestre do seu mestre. Ela evoca essa canção para retificar que a mulher deve ser respeitada na capoeira como ensinou esse mestre. Além disso, mostra que a mulher não quer ficar em casa lavando roupa e fazendo comida como é na mentalidade de muitos homens. Ela quer mostrar que a mulher também quer fazer esporte e tem esse direito. Por conta dessa resistência e desse desejo de mudança as entrevistadas trazem em algumas falas uma nova forma de conceber as mulheres na capoeira :

“É... que elas começaram a construir esse espaço. Não é que o jogar com mulher ficou mais interessante, eu acho que as mulheres agora, quando entram pra fazer um jogo numa roda, duram mais tempo na roda, elas ficam. (mestra R.)

“A gente... à gente foi pouco propiciado a gente estar junto na roda jogando uma com a outra, assim, então, a gente não... não firmou isso, sabe? acho que talvez que essa geração de agora vá firmar isso. Eu acho... agora eu sinto isso assim... agora quando eu abaixo no pé do berimbau com uma menina, acho que meu coração dispara mesmo assim, de tipo: ‘Ih, tava rolando um jogo aqui, será que... será o quê que vai rolar?’(contra mestra L.)

Essas duas falas evidenciam que há uma transformação acontecendo no universo da capoeira, onde existem mais mulheres querendo jogar e se posicionar na roda, isso fica explícito quando comparado o aumento no número de capoeiristas dos últimos anos ou o surgimento de canções que apontam essa temática como uma das músicas de Carolina Soares :

“Mulher na roda
Não é pra enfeitar
Mulher na roda
É pra ensinar

Ê, ela treina com destreza
E respeita o educador
Mostrando delicadeza
E também o seu valor

Mulher na roda
Não é pra enfeitar
Mulher na roda
É pra ensinar

Já passou aquele tempo
Que era só bater pandeiro
Bater palma e cantar coro
Pra poder ganhar terreno

Mulher na roda
Não é pra enfeitar
Mulher na roda
É pra ensinar

Não precisa da espaço
Pois ela já conquistou
Hoje cantar bem na roda
Não é só pra cantador

Mulher na roda
Não é pra enfeitar
Mulher na roda
É pra ensinar.”

Para que possamos efetivar mais ainda essa transformação é necessário cada vez mais mulheres adentrarem nesse espaço, se tornando exemplo, se conhecendo e se reconhecendo. Se unindo para fazer reflexões e expor suas críticas diante das injustiças e dilemas de suas experiências, o que se torna uma arma para o enfrentamento contra o preconceito e a discriminação dos estereótipos que geram desigualdades. As experiências individuais são trocadas contribuindo para a aprendizagem, diminuem dificuldades e edificam uma identidade que contribui para a sua autonomia. Esse desejo de união e de se tornar um referencial é ilustrado pelas falas abaixo :

“Eu acho que por isso que eu acho que nós precisamos de união dentro pra ir pra fora nesse sentido de roda, de direitos, de berimbau, dentro, pra nos manter mais equilibradas. (M.)

“toda essa troca aí na verdade é muito importante para nós mulheres tá sempre junta, unida né. Pra gente crescer. E...lá fora eu chego, elas fala assim, uma que já me conhece já viu o video fala assim, fala assim ó: poxa, Mestre [...], como é que fala? inspiro né? eu me inspiro muito em você. Várias mulheres já chegam para mim para falar isso.”(mestra P.)

Portanto, diante do que foi apresentado nesse artigo, concluo enquanto mulher capoeirista e feminista com a reflexão dessa música, que foi elaborada por Lígia Vilas Boas, pedagoga e amante da capoeira:

Eu não choro por tristeza
Nem vim aqui pra reclamar
Pois no jogo dessa vida
Lutamos para desmontar
A violência que nos cerca
Na mira de nos matar
Ser mulher é ser precisa
É ser capaz de superar
O machismo e as maldades
Que nos querem intimidar
Mas uma coisa eu lhe digo
Não estamos aqui para temer
Como a água apaga o fogo
O nosso azeite é dedê
Vamos fazer nossa mandiga
Quem quiser pare pra vê
É hora é hora...

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE, Eliza. 2011. Identidade, resistência e subjetividade : as mulheres capoeiristas do maciço de Baturité no Ceará. (http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/_Eliza%20Tavora%20de%20Albuquerque%20-%201020475%20-%203728%20-%20corrigido.pdf ; acesso em 28/05/2018)

BARBOSA, Maria. 2005. *A mulher na capoeira*. In: Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies, v 9 (1) : 9-28.

BARBOSA, Maria. 2014. A representação das mulheres na cantigas de capoeira. (<https://sementedojojodeangolad.files.wordpress.com/2014/08/a-representac3a7c3a3o-da-mulher-nas-cantigas-de-capoeira-maria-josc3a9-somerlate-barbosa.pdf> ; acesso 28/05/2018)

BOURDIEU, Pierre. 2012. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

FERNANDES, Carla; SILVA, Paula. 2008. *Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP*. In: Educação Física em Revista, v. 2 (2) : 1-8

FIRMINO, Camila. 2011. *Capoeira: Gênero e hierarquias em jogo. 2011, 109f. Dissertação de Mestrado em Antropologia*, Brasil. Mestrado. São Carlos : Universidade Federal de São Carlos.

LOUREIRO, Fábio; FERREIRA, Mariana. 2014. Capoeira é para home, menino e mulê”: a luta da mulher que luta!. Trabalho apresentado no Seminário temático de “educação, diversidade sexual e direito”, III Encontro anual, Vitória.

MARQUES, Francineide. 2017. O feminismo que ginga : mulheres capoeiristas angoleiras em salvador dos anos 80. (http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499469814_ARQUIVO_Gingaepistemologiafeminista.pdf; acesso em 28/05/2018)

MELLO, Katiúscia; MOARES, Marcelo. 2014. *Impressões femininas sobre a presença das mulheres na capoeira*. Revista ALESDE. v.4 (2):16-31.

SIMÕES, Rosa. 2002. *Capuera : mulheres na luta*. In: Educação em revista, v 3(1) : 97-106.

SILVA, Rafael. 2015. A mulher na capoeira e a participação no movimento de resistência ao sistema racista e patriarcal. (<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/A->

MULHER-NA-CAPOEIRA-E-A-PARTICIPA%C3%87%C3%83O-NO-MOVIMENTO-DE-RESIST%C3%8ANCIA-AO-SISTEMA-RACISTA-E-PATRIARCAL.pdf ; acesso em 05/05/2017)

SOUZA,Eliane. 2010. Capoeira: sua historia e as relações de gênero. Trabalho apresentado no Seminário temático “memória e patrimônio”. III Encontro regional da ANPUH, Rio de Janeiro- RJ.

SOUZA,Eliane;DEVIDE,Fabiano.2011 Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no Seminário temático de implicações da/na educação física e ciências do esporte. Encontro anual CONBRACE,Porto Alegre.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. 1998. *O processo grupal*. São Paulo : Martin Fontes.

ZONZON,Christine. 2007. *Gênero,malícia e tradição*.In.: In: Org: SIMPLICIO e POCHAT (orgs) : Pensando a capoeira: dimensões e perspectivas. MC&G.